

Os valores semântico-pragmáticos de uso da construção de negação “de jeito nenhum” no domínio discursivo jornalístico

Cassiano Luiz do Carmo Santos¹

Daniele Cristina Campos²

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo analisar e descrever o uso da construção “de jeito nenhum” no domínio discursivo jornalístico. Para isso, tomamos o arcabouço teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso. Geralmente, essa construção reforça o valor negativo da oração, atribuindo ênfase ao enunciado. No entanto, não encontramos maiores exposições teóricas que explicitem as motivações semântico-pragmáticas que ocasionem o uso discursivo dessa construção. Isso nos revela que, quanto aos valores negativos presentes em enunciados com “de jeito nenhum”, há uma lacuna na literatura. Dessa forma, fazem-se necessários estudos que visem alargar o tema acerca dos valores semântico-pragmáticos da construção “de jeito nenhum”. Para a realização deste trabalho, com auxílio da ferramenta de busca do *Google*, formamos um *corpus* do português contemporâneo com 20 textos que circulam na esfera jornalística. Com base no conjunto de dados analisados no *corpus*, constatamos que “de jeito nenhum” normalmente ocorre em contextos cingidos por uma alta polaridade negativa. No domínio discurso jornalístico, essa construção apresenta caráter subjetivo, na medida em que não só marca o posicionamento negativo do falante diante de um fato, mas também revela ao leitor a irrealização de algo.

PALAVRAS-CHAVE: De jeito nenhum. Discurso jornalístico. LFCU.

¹Professor no Instituto Federal do Rio de Janeiro, campus Nilópolis, Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e-mail: cassiano.santos@ifrj.edu.br.

²Mestra em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e-mail: danielecampos@id.uff.br.

1. INTRODUÇÃO

Na literatura, seja no entendimento de autores tradicionais³ ou, até mesmo, funcionalistas⁴, é consensual o tratamento dado ao pronome indefinido quantificador “nenhum”. Afirma-se que “nenhum” carrega uma semântica de negação independentemente da posição que ocupa, isto é, seja anteposto ou posposto a um substantivo. Em expressões do tipo: “de nenhum jeito” ou “de jeito nenhum”, o pronome indefinido “nenhum” mantém sua semântica de negação. Autores como Bechara (2009) e Neves (2000, 2018) assumem que, para se trazer ênfase à negação, “nenhum” normalmente vem posposto ao substantivo.

Entretanto, acerca do valor discursivo atribuído a enunciados com a expressão “de jeito nenhum”, tanto na literatura de viés tradicional quanto na de viés funcionalista, não encontramos maiores exposições teóricas que explicitem as motivações de ordem semântico-pragmática que determinem o uso da expressão “de jeito nenhum”. Isso revela uma lacuna na literatura no âmbito do exame dos valores negativos presentes em enunciados com essa estrutura.

Sendo assim, objetivamos neste trabalho analisar e descrever o uso da construção de negação “de jeito nenhum” no domínio discursivo jornalístico. A fim de dar um tratamento holístico ao estudo das motivações semântico-pragmáticas que envolvem o uso dessa construção, tomamos o arcabouço teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU).

Herdeira da tradição funcionalista norte-americana, a LFCU está consubstanciada no “casamento teórico” da linguística funcional com a linguística cognitiva na linha de autores funcionalistas, tais como Givón (1979), Hopper (1987), Bybee (2016), Traugott e Trousdale (2013), entre outros, e de autores cognitivistas, tais como Lakoff e Johnson (1980), Langacker (1973), Taylor (2010), Goldberg (1995), Croft (2001), entre outros autores.

Nas últimas décadas, a LFCU vem refinando seus postulados teóricos e, em sua abordagem teórica mais recente, considera que a língua pode ser descrita como um grande inventário de construções, as quais se ligam por muitos nós em uma rede interativa da linguagem. Nessa vertente, as unidades linguísticas são vistas como construções gramaticais (pareamento simbólico de forma-significado).

³Tais como Cunha e Cintra (1985), Bechara (2009) e Rocha Lima (2011), só para citar alguns.

⁴Tais como Neves (2000, 2018), Ilari (2001) e Castilho (2016), só para citar alguns.

O conceito de construção permite um olhar mais dinâmico acerca dos fenômenos linguísticos, haja vista que é possível analisar tanto o eixo da forma quanto o eixo do significado de maneira integrada. Quer dizer, sob uma ótica multidimensional, por exemplo, é possível observar aspectos morfossintáticos, fonológicos, semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais.

Nesse viés, considerando que “de jeito nenhum” é uma construção gramatical, partimos da hipótese de que, na esfera jornalística, essa construção representa um pareamento simbólico de forma-significado rotinizado em contextos semântico-pragmáticos de polaridade negativa. Em níveis discursivos, “de jeito nenhum” não só marca negativamente o posicionamento irredutível do falante diante de um fato como também revela que algo não pode ser realizado. Entendemos por “irrealizado”, aqui, um evento que é interpretado pelo falante como impossível de acontecer.

Tendo em vista que o interesse da LFCU recai em analisar os padrões de uso rotinizados na língua, buscamos na ferramenta de pesquisa do *Google* um *corpus* que otimizasse a coleta de dados em diferentes contextos de uso, considerando que seu banco de dados é alimentado praticamente em tempo real por diversas fontes da *web*, tais como *sites*, *blogs*, redes sociais, dentre outras.

Por meio dessa ferramenta de busca, como procedimento de filtragem de dados, selecionamos, na opção de pesquisa, o termo “notícias” e, no campo de busca, inserimos a expressão “de jeito nenhum”. Como resultado, foram localizados pelo *Google* aproximadamente 186.000,00 (cento e oitenta e seis mil) resultados em 00:00:49 segundos. Devido à robustez dos resultados encontrados, optamos por coletar os 20 primeiros textos exibidos pelo *Google* em língua portuguesa e publicados no ano de 2019.

Além desta *Introdução*, em termos de organização, este trabalho se subdivide em 5 seções. Na seção 2, empreendemos uma revisão da literatura a respeito dos pronomes indefinidos quantificadores de negação, sobretudo, no que toca ao pronome “nenhum”, que integra, do ponto de vista da forma, a construção “de jeito nenhum”. Na seção 3, apresentamos os principais pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Tais pressupostos formam a base teórica e metodológica da análise e da descrição do objeto sob investigação neste trabalho, com destaque para os conceitos *dechunking*, inferência, implicatura, analisabilidade e composicionalidade. Na seção 4, procedemos a análise dos dados com base nos parâmetros adotados. Na sequência, tendo em vista os resultados obtidos com o exame do *corpus*, tecemos as considerações finais,

constituindo a 5ª seção. Ao fim deste trabalho, seguem as referências das obras consultadas durante a realização do estudo.

2. VOCÁBULOS QUANTIFICADORES DE NEGAÇÃO

Cunha e Cintra (1985) assinalam que o pronome indefinido “nenhum” carrega uma semântica de negação, seja anteposto, seja posposto. Interessante notar que isso ocorre, segundo eles, em “frases onde já existem formas negativas, como *não*, *nem*, *sem*” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 351, grifo dos autores). Tal asserção é relevante, haja vista que, conforme observamos na análise do *corpus*, parece haver uma certa predominância de uso da construção de negação “de jeito nenhum” em contextos de polaridade negativa.

Bechara (2009) aponta que “nenhum” não só funciona como “termo que generaliza a negação”, mas também como um reforço ao advérbio de negação “não”. Outro ponto relevante, na obra do autor, acerca de “nenhum”, está em reconhecer que “sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto” (BECHARA, 2009, p. 169, grifo do autor).

Rocha Lima (2011), no capítulo dedicado à colocação pronominal, tece algumas considerações a respeito do pronome indefinido “nenhum” sob rótulo de “orações negativas”. O autor apresenta a seguinte lista de palavras de valor negativo: “não, nem, nunca, ninguém, nenhum, nada, jamais, dentre outras” (ROCHA LIMA, 2011, p. 545).

Neves (2000, p. 533) afirma que “a classe dos tradicionais pronomes indefinidos é composta por elementos de natureza heterogênea”. Segundo a autora, os quantificadores pronominais negativos apresentam uma distribuição bem definida dentro do sintagma nominal (SN). Ademais, “nenhum” pode ser usado para quantificar negativamente qualquer classe de elementos como pessoas, animais e coisas. No caso de “nenhum” vir depois do verbo, é comum a frase apresentar outro elemento de marca negativa. Quanto à posição do “nenhum” dentro do SN, a autora ainda afirma que, independentemente da posição, “nenhum” apresenta sempre valor de negação.

Castilho (2016) assinala que “nenhum” pertence à categoria dos quantificadores indefinidos e pode ser utilizado como especificador de sintagmas nominais. No que toca à propriedade semântica de negação do pronome “nenhum”, para o autor, “a interpretação negativa pode vir associada à posposição do quantificador indefinido em

relação ao substantivo” (CASTILHO, 2016, p. 509). Ainda segundo o autor, “nenhum” faz referência a um conjunto vazio de elementos.

Isso posto, Neves (2000, p. 289) expõe que “a ideia de negação é expressa por meios linguísticos diversos, exatamente porque abriga fenômenos de tipos diferentes”. Quanto a isso, Ilari (2001, p. 122) afirma que “negamos toda vez que excluimos uma possibilidade”. Defende também que a negação não necessariamente se liga diretamente ao verbo, podendo recair sobre palavras, algumas partes de um enunciado, um quantificador ou ainda, sobre um nexos expresso por determinadas conjunções, como por exemplo no enunciado: “Carlos Lupi perguntou a Ciro Gomes se havia alguma possibilidade de aceitar encontrar-se com Lula. **Ouviu que a chance é zero**”⁵ (grifo nosso).

No exemplo acima, o período “ouviu que a chance é zero” é utilizado para negar o período anterior, a saber, aceitar um encontro com Lula. Logo, o período que funciona como elemento negativo não se liga diretamente ao verbo, mas a parte de uma proposição.

Desse modo existem, na língua, diferentes formas de se negar uma proposição além da partícula adverbial “não”. Dentre outras formas, Ilari destaca a possibilidade de negação pelos advérbios “jamais” e “nunca”, por pronomes indefinidos, como “nenhum”, “nada” e “ninguém”, por expressões do tipo “é falso que...”, por pares correlativos do tipo “nem...nem...” e ainda por prefixos que indiquem negação como em “os sem-terra” (ILARI, 2001, p. 122-123).

Consoante a esse entendimento, além dos autores canônicos anteriormente apresentados, cabe, ainda nesta seção, incluir um estudo acerca do fenômeno da negação realizado pelos autores Chagas e Freitas (2017).

Com o objetivo de destacar as circunstâncias da negação e seus sentidos, contrapondo estudos normativos aos estudos linguísticos, Chagas e Freitas (2017) analisam o fenômeno da negação nas tirinhas de Armandinho. Ao longo do trabalho, eles demonstram que há outras maneiras de se negar um enunciado além da forma canônica descrita pela tradição normativa.

Para os autores, em enunciados do tipo “olha quem tá falando!”, haveria negação em níveis extralinguísticos de codificação, pois o falante, por meio desta expressão irônica, busca recusar o conteúdo enunciado pelo ouvinte. Desse modo, o fenômeno da

⁵ Exemplo extraído de <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/ciro-nao-quer-se-reunir-com-lula-de-jeito-nenhum/> Último acesso em 26/09/2020.

negação, observado na fala das personagens nas tirinhas de Armandinho, pode ser expresso não só por elementos gramaticais da língua, como advérbios ou prefixos, mas também pelo recurso da ironia empregado como uma estratégia de negação.

Portanto, com base no exposto, concluímos que na literatura há consenso quanto à semântica de negação em torno do pronome indefinido quantificador “nenhum”, seja anteposto, seja posposto a um substantivo. Além disso, depreendemos que a negação está *ad quem* da partícula “não” (elemento adverbial prototípico de negação), uma vez que pode ser expressa por outras categorias da língua, como por exemplo, um sintagma preposicionado inteiro, que é o caso da construção-alvo deste artigo.

3. ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO

O diálogo entre *uso* e *cognição* caracteriza os estudos funcionalistas, segundo os quais as estruturas gramaticais se particularizam por serem inerentemente instáveis. Tal instabilidade seria resultante de processos cognitivos ligados à experiência extralinguística do falante e só se manifestariam no momento da interação comunicativa. Com isso, na tradição funcionalista, compartilha-se a visão de uma gramática emergente em constante variação e mudança devido às vicissitudes do discurso (MARTELOTTA, 2011).

Assim, a gramática emerge do discurso numa espécie de relação *Top-Down*. Nessa perspectiva, o discurso é tomado como instância maior, o qual nutre a gramática a partir dos “usos” linguísticos. Por conseguinte, as pressões advindas do “uso” (re)configuram a gramática num constante processo de (re)fazimento discursivo e gramatical (MARTELOTTA, 2015).

Além disso, com base nos pressupostos da linguística cognitiva, é possível ampliar o espectro de observação com vista à incorporação, de modo mais integrado, das dimensões cognitivas, discursivas, pragmáticas e contextuais. Nesse viés, considera-se a construção gramatical como a unidade básica e fundante da gramática, conforme Croft (2001).

Há, assim, uma maior integração dos componentes linguísticos no sentido de que o eixo da forma une-se ao eixo do significado. Juntos, atribuem forma às unidades básicas da língua, a saber, as construções gramaticais. Vejamos, a seguir, o modelo de representação da construção gramatical proposto por Croft (2001):

Quadro 1: Modelo de pareamento simbólico da construção gramatical

Fonte: Adaptação de Croft (2001, p. 18).

Como podemos observar, ao eixo da forma, integram-se propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas. Ao eixo do significado, propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. A contribuição da proposta de Croft (2001) para a abordagem da LFCU centra-se no aspecto de que as propriedades das unidades linguísticas podem ser descritas a partir do elo simbólico entre forma e significado. Não haveria, portanto, sobreposição de uma propriedade em relação à outra, mas interfaces que constituem o todo da unidade linguística.

Ademais, uma vez que os aspectos cognitivos se manifestam no uso real da língua, processos como *chunking*, inferência, implicatura, analisabilidade e composicionalidade permitem compreender as motivações de uso de um determinado fenômeno linguístico no momento da interação. Por serem importantes para o exame da construção “de jeito nenhum”, realizarei breves considerações a respeito de cada um destes conceitos a partir de agora.

Chunking está relacionado à criação de certos padrões de uso rotinizados em um dado contexto linguístico. Segundo Bybee (2016, p. 26), quando determinados itens passam a ser usados juntos, repetidas vezes, em um dado contexto, eles são “embalados juntos na cognição” e passam a ser processados como “uma unidade simples”, formando assim um *chunk*⁶. De acordo com a autora, *chunking* é um processo cognitivo

⁶Do inglês **pedaço, fatia** (HOLLAENDER; SANDERS, 2008)

essencial para a formação de unidades linguísticas complexas. Nessa concepção, o significado de sequências complexas agrupadas como uma unidade simples é armazenado na memória do falante por meio dos processos de **inferências** e **implicaturas** contextuais.

Para Bybee (2016), o conceito de **inferência** está relacionado às “pistas” que o ouvinte recolhe do enunciado para construir significado. Dessa maneira, tudo aquilo que, embora nem sempre esteja diretamente explícito, de alguma forma, contribui para a construção do significado de uma dada construção.

O significado de uma construção é, então, ativado contextualmente por meio do processo de “implicatura”, uma vez que “o termo ‘implicação’ se refere ao significado que o falante constrói no enunciado sem expressá-lo diretamente” (BYBEE, 2016, p. 58, grifo da autora). Logo, **inferência** e **implicatura** são processos que ocorrem juntos, colaborando para a criação do significado de uma dada construção.

Outrossim, de acordo com Bybee (2016), apesar de expressões complexas (ou seja, composta por várias palavras) serem processadas na memória como *chunks*, isso não elimina a identificação dos seus componentes internos. Para a autora, *chunks* são distribuídos na memória por meio de um *continuum* que pode conter desde *chunks* mais fracos a *chunks* mais fortes.

Estes são mais acessíveis como um todo ainda que conservem ligação com suas partes; aqueles ocorrem quando as partes identificáveis são mais fortes do que o todo. Isso implica uma perspectiva via gramaticalização em que “a composicionalidade pode ser perdida, enquanto a analisabilidade é mantida, indicando que as duas medidas são independentes” (BYBEE, 2016, p. 80).

Sob esse viés, a composicionalidade está relacionada ao grau de transparência entre a forma e o significado da construção. Uma construção será mais composicional se for possível associar o seu significado à soma de suas partes. Por outro lado, a construção será menos composicional se o seu significado divergir, em alguma medida, do sentido da soma das suas partes (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

A composicionalidade, em níveis semânticos, relaciona-se com o grau de previsibilidade do sentido do todo por meio do significado que se obtém pela soma das partes. A analisabilidade refere-se à identificação dos elementos linguísticos que compõem as partes de uma dada construção, bem como ao grau de reconhecimento desses elementos com suas categorias de origem (LANGACKER, 1987 apud BYBEE, 2016, p. 79-80).

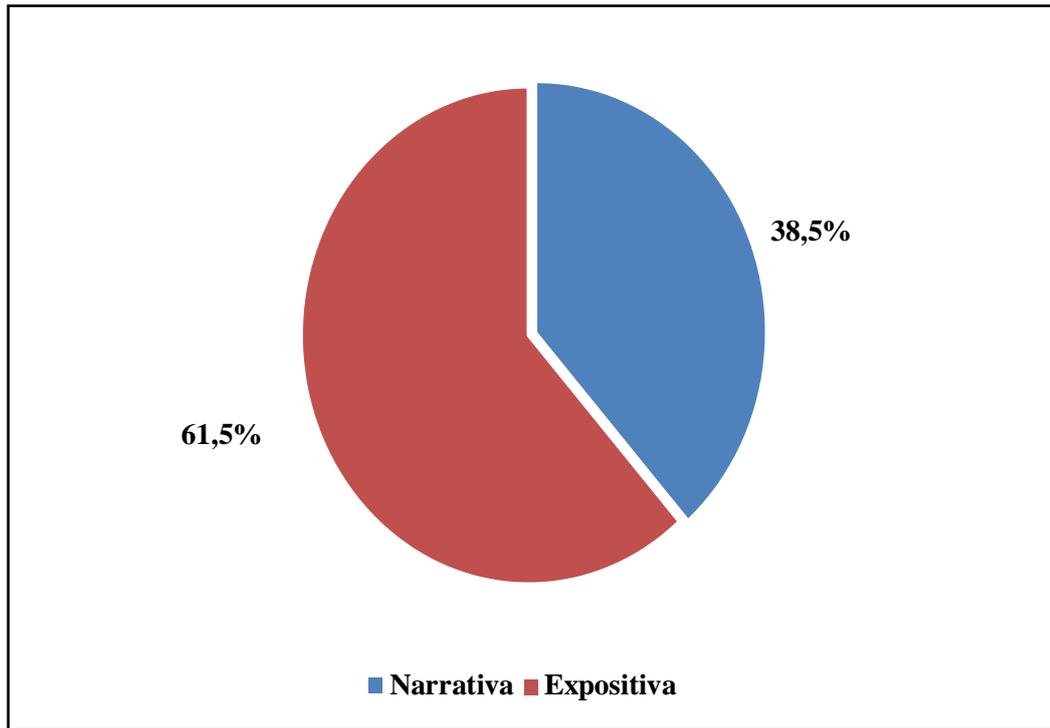
Isso posto, tomar os conceitos de *chunking*, inferência, implicatura, analisabilidade e composicionalidade implica “pensar a língua como sendo sempre afetada pelo uso e pelo impacto que essa experiência tem sobre o sistema cognitivo” (BYBEE, 2016, p. 22). A análise dos dados permitiu-nos verificar que estes processos cognitivos são aplicáveis ao exame da construção de negação “de jeito nenhum”, uma vez que nos auxiliam a compreender como o significado de negação dessa construção, imbricado no contexto por meio de inferências e implicaturas, é estocado na memória do falante.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Como expomos na introdução, o objetivo deste trabalho consiste em analisar e descrever o uso da construção de negação “de jeito nenhum” no domínio discursivo jornalístico, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da LFCU. Para tal fim, elegemos a dimensão sincrônica sob método empírico das amostras tratadas de modo quantitativo e qualitativo.

A fim de obter uma análise holística dessa construção, adotamos três parâmetros de análise, a saber: sequências tipológicas, contexto semântico-pragmático e grau de analisabilidade e de composicionalidade.

Com base nos 20 textos analisados, foram encontrados 26 enunciados compostos por diferentes **sequências tipológicas**, envolvendo o uso da construção de negação “de jeito nenhum”. A partir dessa análise, observamos uma maior proeminência de uso dessa construção em **sequências tipológicas expositivas**, conforme demonstramos, a seguir, no gráfico 1:

Gráfico 1: Sequências tipológicas da construção “de jeito nenhum”

Fonte: Elaboração dos autores.

Como podemos verificar no Gráfico 1, dos 26 enunciados em que ocorre o uso da construção de negação “de jeito nenhum”, 16 são de tipologia expositiva (correspondendo a um total de 61,5%) e 10 são de tipologia narrativa (equivalendo a um total de 38,5%).

A análise dessas duas sequências tipológicas revela que as informações apresentadas ao leitor contêm uma marca de irrealizabilidade manifestada no conteúdo dos enunciados, seja esse conteúdo exposto, seja ele narrado. No caso das sequências tipológicas expositivas, devido a suas propriedades linguísticas, elas buscam dar conhecimento ao leitor de que o fenômeno, veiculado no enunciado estruturado sob esse tipo de sequência, não irá ocorrer. No que diz respeito às sequências narrativas, as estruturas narradas com “de jeito nenhum” indicam ao leitor a impossibilidade ou a dificuldade de ocorrência das sucessões temporais.

Vejam, a seguir, uma amostra de tipologia expositiva e, na sequência, uma amostra de tipologia narrativa.

1. Ibope:50% dos brasileiros não votariam de jeito nenhum no PSL[...] Pesquisa Ibope divulgada nesta quinta-feira aponta que 50% dos brasileiros não votariam **de jeito nenhum** no PSL, partido

de Jair Bolsonaro. Enquanto isso, a rejeição ao PT, segundo o levantamento, é de 43%. Já o percentual de pessoas que dizem que votariam com certo em PT é de 27%, ao passo que apenas 12% dizem o mesmo sobre o PSL. A região Nordeste (62%) é a que mais rejeita o partido de Bolsonaro. Entre as mulheres brasileiras, a rejeição ao PSL chega a 52% (40% ao PT). Já a rejeição masculina ao PSL é de 49%, e ao PT, 45%. E foram só dez meses de PSL no poder... (<<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/pesquisa-eleitoral/noticia/2022/10/29/datafolha-50percent-dizem-nao-votar-em-bolsonaro-de-jeito-nenhum-lula-e-rejeitado-por-46percent.ghtml>>- último acesso 31/10/2019, grifo nosso).

Em 1, temos uma porção textual cuja finalidade consiste em “fazer-saber”, isto é, tornar algo desconhecido conhecido. Neste caso, dar conhecimento público da pesquisa realizada pelo Ibope sobre a não aprovação popular dos dez meses da gestão do partido do PSL.

O tema central do texto encontra-se sintetizado na manchete: “Ibope: 50% dos brasileiros não votariam de jeito nenhum no PSL”. No decorrer do texto, o tema (pesquisa Ibope) é ampliado e explicitado a partir da divulgação dos dados estatísticos da pesquisa, cujo objetivo é dar visibilidade à rejeição da gestão realizada pelo PSL em 10 meses de governo. Tal rejeição é marcada pelo valor semântico-pragmático da construção “de jeito nenhum”, a qual constrói sentido à medida que os dados estatísticos são revelados.

Agora vejamos uma amostra de tipologia narrativa retirada do *corpus*:

2. Polícia procura homem acusado de agredir a ex combarra de ferro [...] A agressão ocorreu no sábado; [...] O acusado invadiu a casa da família da ex-namorada (ficaram juntos por 4 meses) e ateou fogo na sala da residência. Segundo Juliana, após a confusão o acusado foi ao quarto onde Beatriz estava e começou a agredi-la com golpes de faca e barras de ferro. "Ele estava agredindo ela dentro do quarto e eu não conseguia abrir a porta **de jeito nenhum**. Quando eu consegui abrir a porta, eu dei várias garrafadas na cabeça dele porque era a única coisa que eu tinha em mente", diz a mãe. (<<https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/cotidiano/regiao-policia+procura+homem+acusado+de+agredir+a+ex+com+barra+de+ferro.aspx>>- Último acesso: 19/11/2019, grifo nosso).

Na amostra 2, temos um trecho recortado de uma notícia. Neste fragmento, há uma predominância da sequência tipológica narrativa, cuja finalidade é contar (narrar) um fato. Isso se verifica, inclusive, no relato de Juliana, mãe da vítima. Vejamos: ‘Ele estava agredindo ela dentro do quarto e eu não conseguia abrir a porta de jeito nenhum. Quando eu consegui abrir a porta, eu dei várias garrafadas na cabeça dele porque era a

única coisa que eu tinha em mente.’

Nesse excerto, segundo o relato de Juliana, mãe da vítima, observa-se a dificuldade de Juliana em livrar a filha das agressões que estava sofrendo dentro do quarto (tudo isso devido à dificuldade em se abrir a porta do quarto). Tal dificuldade encontra-se marcada pela construção “de jeito nenhum”, no enunciado: “não conseguia abrir a porta de jeito nenhum”. Isso demonstra, portanto, no jogo das ações narrativas, o quão dificultoso foi conseguir socorrer sua filha e, conseqüentemente, livrá-la do seu algoz.

A seguir, vejamos outras ocorrências de seqüências tipológicas expositivas retiradas do *corpus*:

3. Saiba qual a cor de 2020 [...] O ano será de Plutão/Saturno com regência do Sol [...] Se você for supersticiosa como eu, atenção: a única cor que não pode **de jeito nenhum** é o vermelho, que está proibidíssima durante o ano todo. O motivo? Essa é a cor dos enfrentamentos e a última coisa que queremos em ano de Plutão/ Saturno, apesar da regência do Sol, é entrar em batalhas, não é mesmo? Os desafios vindouros já estarão de bom tamanho. (<<http://revistamarieclaire.globo/PapoAstral>>- Último acesso: 27/11/2019, grifo nosso)

A ocorrência 3 refere-se ao gênero textual matéria, o qual pode abarcar uma temática variada. No excerto em questão, o tema é “a cor de 2020”. No que tange ao uso da construção “de jeito nenhum”, ela é utilizada para enfatizar a inflexibilização do uso da cor vermelha no ano corrente, aconselhando, dessa forma, o leitor que sob nenhuma hipótese deve-se usar a cor vermelha.

4. Repasses federais para saneamento no Ceará caem 62% em 2019 [...] Quando as cifras não chegam ao solo concreto, sobram deficiências como as enfrentadas diariamente pela saúde de Zulene e dos netos de seis, oito e nove anos de idade, que "vivem com febre e vomitando". "Não quero eles pisando no campo **de jeito nenhum**, porque é pior. Eles ficam levando sol, chegam em casa e tem o mau cheiro e o meladeiro. Pioram! Aqui a gente já se levanta com o pé na lama", descreve, mencionando o único lazer que os meninos têm na Comunidade Santa Rita, no Barroso, Regional VI de Fortaleza: o campo sem gramado. (<<https://www.badalo.com.br/ceara/repasses-federais-para-saneamento-no-ceara-caem-62-em-2019/>>Último acesso em: 28/11/2019, grifo nosso).

Em 4, temos um discurso reportado com o relato da senhora Zulene, que mora em uma região em que o investimento em saneamento básico é precário. No trecho: “Não quero eles pisando no campo de jeito nenhum, porque é pior”, ao usar a

construção de negação “de jeito nenhum”, o interlocutor busca enfatizar sua inflexibilização em permitir que seus netos pisem na lama do campo de futebol.

Aliás, o uso dessa construção destaca quão precário é o saneamento básico daquela região, uma vez que nem o campo de futebol, única forma de lazer dos netos da aposentada, está livre da lama fétida resultante do baixo investimento em saneamento por parte do governo federal.

Como podemos ver, nas ocorrências anteriores, “de jeito nenhum” marca o posicionamento inflexível do falante diante de algo, fruto de sua concepção, a qual externaliza que o conteúdo do enunciado é irrealizável. Ademais, a análise das sequências tipológicas demonstra que essa construção de negação é empregada como recurso linguístico para dar ênfase à irrealização do conteúdo temático negado no corpo textual.

Em relação ao contexto semântico-pragmático que envolve o uso da construção de negação “de jeito nenhum”, buscamos verificar na camada textual os diferentes vocábulos com valor de negação que figuram nesse contexto. Desse modo, partimos da hipótese de que tais vocábulos, de alguma forma, fornecem inferências e implicaturas contextuais que contribuem para fortalecer o valor de negação da construção sob análise. Segundo nossa hipótese, a construção “de jeito nenhum”, em contextos altamente polarizados por negação, passa a marcar a impossibilidade de um evento ocorrer.

Dito isso, a seguir, apresentamos uma tabela com a distribuição e como quantitativo dos vocábulos de valor negativo encontrados durante a análise do *corpus*.

Tabela1: Contextossemântico-pragmáticosdenegaçãoda construção “de jeito nenhum”

Advérbios	N. ocorrências	Pronomes	N. ocorrências	Verbos	N. ocorrências	Preposições	N. ocorrências	Expressões substantivas ou adjetivas	N. ocorrências	Outras expressões de negação	N. ocorrências
não	83	nada	07	negar	04	sem	06	a rejeição	03	a chance é zero	01
nunca	02	nenhum	05	proibir	02			a única restrição	01	as chances eram zero	01
		ninguém	01					há proibições	01		
								proibidíssima	01		
TOTAL	85		13		06		06		06		02

Fonte: Elaboração dos autores.

Conforme podemos verificar na Tabela 1, com base nos 20 textos analisados, o maior número de ocorrências centra-se no advérbio “não” (prototípico de negação) com 83 ocorrências. Também na categoria de advérbios, encontramos duas ocorrências do advérbio temporal “nunca” com valor de negação.

Além dos advérbios, outras categorias com valor semântico de negação foram encontradas no *corpus*: 13 ocorrências para a categoria de pronomes, com 7 ocorrências do pronome “nada”, 5 ocorrências do pronome “nenhum” e uma ocorrência do pronome “ninguém”. Para a categoria de verbos, encontramos 6 ocorrências, 4 ocorrências para o verbo “negar” e duas ocorrências para o verbo “proibir”. Já para a categoria das preposições, encontramos 6 ocorrências da preposição “sem”.

Além disso, encontramos também expressões que denotam valor de negação, a saber, expressões substantivas ou adjetivas do tipo “a rejeição”, com 3 ocorrências, “a única restrição”, com uma ocorrência, “há proibições”, com uma ocorrência e “proibidíssima” com uma ocorrência.

Outras expressões de negação, estruturalmente mais complexas, também foram encontradas, sendo uma ocorrência para “a chance é zero” e uma ocorrência para “as chances são zero”.

Importante lembrarmos que os resultados apresentados na Tabela 1 se alinham aos postulados de Neves (2000) e Ilari (2001), tendo em vista que, na língua, a negação extrapola categorias tradicionais, geralmente, expressa pelo advérbio “não”. A ideia de negação abriga fenômenos linguísticos diversos, podendo ser explicitada por outras categorias linguísticas, como verbos, preposições, pronomes, expressões substantivas ou adjetivas, ou ainda por expressões de valores mais pragmáticos, como “a chance é zero”.

Dito isso, vejamos uma amostra retirada do *corpus* que contém alguns dos vocábulos de valor negativo demonstrados na Tabela 1:

5. **‘Dejeitonenum’**: dizCEO do *Twitter* sobre se juntar à Libra do *Facebook* [...] Jack Dorsey manifestou interesse em criptomoedas *não* centralizadas, mas **não** naquela de autoria da empresa de Mark Zuckerberg [...] O CEO do *Twitter*, Jack Dorsey, disse durante um evento de mídia do *Twitter*, em Nova York (EUA), que a rede social que fundou **nunca** irá se juntar ao projeto de criptomoeda do *Facebook*, a Libra. Indagado sobre o assunto, ele respondeu: **“de jeito nenhum”**. As informações são do TheVerge. [...] **“Não** é um padrão aberto da Internet que nasceu na internet”, disse Dorsey. “Nasceu da intenção de uma empresa e **não** é consistente com o que pessoalmente

acredito e com o que quero que nossa empresa defenda", criticou. No entanto, como informa o portal, ao mesmo tempo quem **nega** uma parceria com o projeto de criptomoeda, Dorsey mostrou entusiasmo com a ideia de uma moeda digital descentralizada. (<https://computerworld.com.br/2019/11/01/de-jeito-nenhum-diz-ceo-do-twitter-sobre-se-juntar-a-libra-do-facebook/>-último acesso: 01/11/2019, grifo nosso).

Em 5, encontramos alguns elementos de valor negativo, como o advérbio “não”, “nunca” e o verbo “negar”. Tais vocábulos cooperam para a formação de um contexto semântico-pragmático de negação. À medida que esses elementos tecem suas relações na camada textual, é preparado um ambiente com acentuada polaridade negativa.

Ademais, observamos que a força ilocutória do ato comunicativo advém do posicionamento irredutível do dono do *Twitter* (TW). Segundo o texto, o próprio CEO declara que, por questões de crenças e valores, “a rede social que fundou nunca irá se juntar ao projeto de criptomoeda do *Facebook*, a *Libra*”, tendo em vista que isso “não é consistente com o que pessoalmente acredito e com o que quero que nossa empresa defenda”.

À vista disso, ao ser questionado da possibilidade de fusão do TW com o *Facebook*, em seu discurso, o CEO busca intensificar o seu posicionamento. Daí a construção “de jeito nenhum” figurar como enunciado em forma de discurso direto, validando o seu posicionamento irredutível diante de um possível ato de fusão.

Quanto a isso, numa perspectiva comunicativa, Neves (2000, p. 330) acrescenta que os enunciados negativos “não são empregados primeiramente para expressar informação nova, mas sim para assentar uma manifestação acerca de informações já expressas, ou supostas na interação linguística”. Nesse contexto, a construção “de jeito nenhum” não representa uma informação nova, pelo contrário, intensifica o posicionamento de recusa do CEO do TW. Em suma, isso contribui para selar a impossibilidade da fusão do TW com o *Facebook*.

Nesses termos, consoante aos pressupostos teóricos da LFCU, na Tabela 1, observamos o quanto a construção “de jeito nenhum” se insere em contextos semântico-pragmáticos de alta polaridade negativa. Isso se deve ao fato de diferentes vocábulos de valor negativo ocorrerem na camada textual.

Nesse viés, sabendo que o significado de uma dada construção se produz pela interpretação que se extrai subjetivamente do contexto, as inferências e as implicaturas negativas recorrentes contribuem para endossar a semântica de negação da construção

“de jeito nenhum”.

Assim, tal construção, nutrida pelos laços contextuais, fortalece-se e passa a marcar o posicionamento do locutor diante da impossibilidade de ocorrência de um determinado acontecimento, uma vez que “palavras particulares, sequências de palavras e construções adquirem propriedades particulares quando são usadas em um contexto” (BYBEE, 2016, p. 50).

No que tange ao grau de analisabilidade e ao grau de composicionalidade, durante a análise dos textos que formam o *corpus*, foram encontradas 26 ocorrências de uso da construção de negação “de jeito nenhum”. Com base nesse conjunto de ocorrências, observamos que os vocábulos “de” + “jeito” + “nenhum” ocorrem sempre juntos, lado a lado, formando assim um par de forma-significado. Portanto, “de jeito nenhum” forma-se pelo agrupamento sintático de três categorias: preposição + substantivo + pronome indefinido quantificador de valor negativo.

Quanto ao grau de analisabilidade, observamos que cada elemento que compõe a construção é não só analisável, como também mantém relação com suas partes. Por exemplo, é possível reconhecer que “de” corresponde a uma preposição, “jeito” é um substantivo e “nenhum” é um pronome indefinido quantificador com valor de negação.

Para mais, o fato de esses itens ocorrerem sempre juntos, pareados lado a lado, contribui para uma maior integração em níveis cognitivos, posto que “os conteúdos mais cognitivamente próximos também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto” (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2015, p. 24).

Nessa perspectiva, o agrupamento dos vocábulos “jeito” e “nenhum”, os quais ocorrem sempre juntos, aditados pela preposição “de”, forma a sequência “de jeito nenhum”, colaborando, nestes termos, para a formação de um *chunk* de negação.

Em relação à composicionalidade, tendo em vista os contextos em que a construção “de jeito nenhum” é realizada, verificamos que o significado dessa construção se obtém pelo todo, o que sinaliza uma construção de baixa composicionalidade. Ou seja, embora “de jeito nenhum” conserve analisabilidade, o seu significado não é obtido pela soma de suas partes, mas pelas relações inferidas e implicadas contextualmente, conforme já comentado nesta seção.

A isso se deve ao fato de, no nível discursivo, “de jeito nenhum” marcar o posicionamento do falante diante de uma situação cuja realização, na perspectiva dele, torna-se custosa, implicando a impossibilidade de um fato ocorrer.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu da hipótese de que, na esfera jornalística, a construção de negação “de jeito nenhum” representaria um pareamento simbólico de forma-significado rotinizado em contextos semântico-pragmáticos de polaridade negativa. Em níveis discursivos, “de jeito nenhum” marcaria negativamente o posicionamento irredutível do falante diante de um fato.

Com base no conjunto de dados examinados, observamos que, de certo modo, os fatores contextuais influenciam nas escolhas linguísticas do falante. A depender de suas intenções comunicativas, ele busca expressões mais enfáticas para firmar suas crenças e valores, como, por exemplo, a construção sob análise aqui, a qual, na perspectiva do falante, imprime, no enunciado, a total recusa de um evento ocorrer.

Além disso, notamos que a construção “de jeito nenhum” é formada por uma estrutura complexa. Ou seja, é formada por três categorias: preposição, substantivo e pronome indefinido quantificador de negação. Tendo em vista os conceitos de analisabilidade e de composicionalidade, constatamos que, em todas as ocorrências de uso dessa construção, a preposição (de), o substantivo (jeito) e o pronome indefinido quantificador de valor negativo (nenhum) sempre se realizam juntos, ou seja, sem a interposição de algum outro vocábulo entre eles.

Ademais, observamos que os elementos dessa construção são analisáveis (alta analisabilidade), na medida em que conservam relações com suas categorias bases. Quanto ao grau de composicionalidade dessa construção, concluímos que, embora os vocábulos da construção “de jeito nenhum” sejam analisáveis, o significado atribuído a essa construção advém pelo todo e não pela soma de suas partes, implicando em uma baixa composicionalidade. Tal asserção é fruto da análise dos contextos semântico-pragmáticos em que “de jeito nenhum” se realiza no domínio discursivo jornalístico.

Com base nisso, depreendemos que, em termos de generalização de uso linguístico, a construção “de jeito nenhum” representa uma possível formação de *chunk* de negação. No entanto, para tal constatação, é preciso levantar mais ocorrências de uso

linguístico dessa construção em diferentes ambientes discursivos para se verificar se de fato “de jeito nenhum” forma, na língua portuguesa, um *chunk* de negação.

The semantic-pragmatic values of use of the negation construction “de jeito nenhum” in the journalistic discursive domain

ABSTRACT:

This work aims to analyze and describe the use of the construction *de jeito nenhum* in the journalistic discursive domain. For this, we take the theoretical-methodological framework of Usage Based Functional Linguistics. In general, this phrase reinforces the negative value of the clause, putting emphasis on the utterance. However, we have not found any major theoretical expositions that explain the motivations from a semantic-pragmatic perspective. That is to say, motivations that could explain the discursive use of this construction. This reveals us that there is a gap in the literature, regarding the examination of the negative values present in statements with *de jeito nenhum*. Thus, studies are needed to broaden the theme about the semantic and pragmatic values of the construction *de jeito nenhum*. For this reason, we used Google search tool in order to carry out this work. We built a *corpus* of Contemporary Portuguese Language containing 20 texts from wide circulation journalistic sphere. Based on the set of data analyzed from the *corpus*, we found that “de jeito nenhum” usually occurs in contexts surrounded by high negative polarity. In the domain of journalistic discourse, this construction has a subjective character, insofar as it not only marks the speaker's negative position in face of a fact, but also reveals to the reader the impossibility of something.

KEYWORDS: De jeito nenhum. Journalistic discourse. UBFL.

REFERÊNCIAS:

- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª edição. Rio de Janeiro: NovaFronteira,2009.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha.São Paulo:Cortez,2016.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto,2016.
- CHAGAS, D. S.; FREITAS, H. C. O fenômeno da negação nas tirinhas de Armandinho. **Mandinga** – Revista de Estudos Linguísticos, Redenção-CE, v. 01, n. 02, p. 25-37, jul./dez. 2017.
- CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova Gramatica do Português Contemporâneo**. Rio deJaneiro:Nova Fronteira, 1985.
- CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.
- GOLDBERG, A. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- HOLLAENDER, Arnon; SANDERS, Sidney. **The landmark dictionary: para estudantes brasileiros de inglês**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2008
- HOPPER, P. J. Emergent grammar. In: **Berkeley Linguistics Society**. v.13, p. 139-157, 1987.
- ILARI, R. **Introdução à semântica: brincando com gramática**. São Paulo: Contexto, 2001.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LANGACKER, R. **Language and its structure**. (2nd ed.). New York; Harcourt Brace Jovanovich, 1973.
- MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 43-70.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de Uso do Português**. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Unesp, 2018.

ROCHALIMA, C.H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROSÁRIO, I. da C. do; OLIVEIRA, M. R. **Funcionalismo e abordagem construcional da gramática**. *Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)*, v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>. Último acesso em 18 set. de 2020.

TAYLOR, John R. **Cognitive Grammar**. New York: Oxford University Press, 2010.

TRAUGOTT, E; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.